

RUY CINATTI

Primeiro solilóquio

Nada é impossível, tudo é movimento
vário como a vida...
andar nela subindo, descendo
ou circulando
passos sem medida.

Nunca andei direito,
nunca, em linha recta.

Tudo é possível.

Se houve alguém, que o diga.

Segundo solilóquio

Como um imbecil
preso a uma ilha
que o mar oscila
sem que ao todo veja
onde acabam, onde principiam,
medeio idéias
e ledos vivos
julgando que o tempo parou
de manhã à noite.

Terceiro solilóquio

Vulnerável, sim, até ao ponto
de ter provado, entre mãos e enigmas,
mas sem confronto,
frutos ácidos.

— Ácidos porque só em sonho
seriam frutos
e vulnerável porque lhes toquei
quando menos queria.

Quarto solilóquio

Distante, a voz da morte — alheia ou própria —
conjura actos fiéis: promessa inteira.
Alguma ternura, quando muito
circula uma linguagem verdadeira.

Retirámos à morte o sentido
que recebemos de qualquer maneira.

Quinto solilóquio

Liberdade tem-na quem quer.
Tive-a morrendo ao nascer.

Dizem que a viver
se perde a liberdade. Não a perdi
por viver.

Sexto solilóquio

E assim me convoquei a um encontro
simbólico.

Se alguma vez — a quem? — falei de amor,
Timor devolve-o.

Sétimo solilóquio

O resto é muito.
Deixai que um homem a cair de súplica
peça perdão aos vivos... não aos mortos
— esses felizes!
Talvez um dia...
Ihes fale a frio...